

# A pintura textual de Joseph de Jouvancy: estudo introdutório, tradução e notas a um excerto sobre a atividade jesuítica nos primeiros séculos do Brasil Colonial

## *The Textual Painting of Joseph de Jouvancy: Introductory Study, Translation, and Notes on an Excerpt Concerning Jesuit Activity in the Early Centuries of Colonial Brazil*

**Jerfferson Manoel Araujo da Silva Junior**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Natal | RN | BR  
jerffersonaraujo@outlook.com  
<https://orcid.org/0009-0007-3822-5343>

**Samuel Anderson Oliveira de Lima**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Natal | RN | BR  
samuel.lima@ufrn.br  
<https://orcid.org/0000-0001-7525-5997>

**Resumo:** Em 1710, o jesuíta francês Joseph de Jouvancy publica o segundo tomo do quinto volume da monumental série de livros das *Historiae Societatis Jesu*, cuja meta era a de registrar a história da Companhia de Jesus. Neste trabalho, empreendemos, num primeiro momento, um estudo introdutório que é seguido de nossas reflexões, baseando-nos nas contribuições de Cortez (2009), acerca do caráter visualista da linguagem, tendo como meta lançarmos luz sobre a prosa de língua latina de Jouvancy, entendida como herdeira da tradição Renascentista. Em seguida, partimos para a tradução (munida de notas) de um excerto extraído da obra supramencionada. Essa tradução anotada é precedida de um breve estudo, amparado nos aportes de Monteiro (1994) e Métraux (1979), acerca do contexto dos fatos narrados no excerto, levando em conta o choque entre as mundivisões cristã e indígena no Brasil dos primeiros séculos de dominação europeia.

**Palavras-chave:** pintura textual; Brasil colonial; Companhia de Jesus; Companhia de Jesus.

**Abstract:** In 1710, the French Jesuit Joseph de Jouvancy published the second tome of the fifth volume of the monumental series *Historiae Societatis Jesu*, whose aim was to record the history of the Society of Jesus. In the present study, we begin with an introductory analysis, followed by reflections based on the contributions of Cortez (2009) on the visualist character of language,



with the aim of illuminating Jouvancy's Latin prose as an heir to the Renaissance tradition. We then present a translation, accompanied by notes, of an excerpt from the aforementioned work. This annotated translation is preceded by a brief contextual study, informed by the insights of Monteiro (1994) and Métraux (1979), concerning the events narrated in the excerpt. Particular attention is given to the confrontation between Christian and Indigenous worldviews in Brazil during the early centuries of European domination.

**Keywords:** Companhia de Jesus; Colonial Brazil; Society of Jesus; Joseph de Jouvancy.

## O latim e os jesuítas

No ano de 1540, através da bula *Regimini militantis Ecclesiae* ("Para o governo da igreja militante"),<sup>1</sup> a Companhia de Jesus (em latim, *Societas Jesu*), então recém-formada pelo clérigo Inácio de Loyola (Campbell, 1921, p. 31), é reconhecida pelo Papa Paulo III (1468-1549). Em 1551, o jovem José de Anchieta (1534-1597) era admitido na ordem, cujo intuito, segundo Leite (1938, p. 10), orbitava em torno da contemplação individual e do trabalho apostólico de conversão do próximo. As atuações de Anchieta e de outros jesuítas no Brasil Colônia serviriam de inspiração, séculos depois, para outros membros da ordem.

Na Europa do século XVI, vigorava entre os eruditos uma visão humanista do mundo, herdada do Renascimento, catalisado por Francesco Petrarca (1304-1374). Os ideais pedagógicos dos jesuítas, embebidos no humanismo renascentista (Leite, 1938, p. 72-73), precisavam justificar-se em termos cristãos (Codina, 2000, p. 40-41), assim como o próprio Petrarca já o fizera séculos antes (Witt, 2001, p. 246). No esteio humanístico da união entre os pensamentos secular e religioso, a *Ratio Studiorum* ("Plano de Estudos")<sup>2</sup> foi o fruto de décadas de esforço, publicada em sua forma final em 1599. A concepção de um retorno *ad fontēs* ("às fontes") colocou o ensino da língua latina no centro de tudo, já que esse idioma era um instrumento através do qual o formando jesuíta ganharia acesso tanto aos textos eclesiásticos quanto ao vasto tesouro literário dos autores clássicos. Essa aproximação com os clássicos permitiria aos jesuítas não somente uma leitura e uma compreensão profunda dos textos clássicos, mas também a capacidade de produção literária em um latim elegante e rico, tanto na prosa quanto na poesia, nutrido nos autores da Antiguidade. Exemplo disso é Anchieta que, apesar de ter florescido anos antes da publicação da *Ratio Studiorum*, conciliou o humanismo renascentista com a cristandade, compondo, por exemplo, o *De Gestis Mendi de Saa* (1563), voltando-se para o

<sup>1</sup> As traduções presentes neste trabalho são de nossa autoria, exceto quando indicarmos o contrário.

<sup>2</sup> O título completo é *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*, cuja tradução é "Plano e Sistema de Estudos da Companhia de Jesus". O documento expõe diretrizes para o ensino de várias disciplinas, como a gramática latina (e grega), história, retórica, teologia etc.

gênero épico. Filiando-se diretamente à tradição épica dos autores novilatinos da Renascença, ele segue os passos de Petrarca, que compusera sua *Africa* emulando Virgílio.

O jesuíta florentino Niccolò Orlandini (1533-1606), também educado segundo os preceitos renascentistas, foi incumbido de iniciar uma monumental coletânea de teor historiográfico acerca da Companhia de Jesus, as *Historiae Societatis Jesu* (“Histórias da Companhia de Jesus”), cujo primeiro volume só foi publicado postumamente, em Roma, no ano de 1615. Foi sobre alicerces herdados dessa tradição renascentista que floresceu o jesuíta francês Joseph de Jouvancy<sup>3</sup> (1643-1719), cujo nome latino é *Josephus Juvencius*. O sacerdote ficou responsável pela confecção do quinto volume da coletânea, no qual discorre acerca da atuação da ordem religiosa em diferentes partes do mundo, incluindo o Brasil.

Finalmente, nosso intuito com este trabalho perpassa, num primeiro momento, lançarmos um novo olhar sobre a prosa jesuítica em latim. Para isso, apoiamo-nos na ideia de que é possível conceber uma pintura textual, amplamente baseada no conceito de texto pictórico de Cortez (2009). Recorremos a excertos de Joseph de Jouvancy e de Francesco Petrarca, figura importante para o humanismo renascentista, ao qual o jesuíta francês filia-se através da erudição humanista que recebeu. Num segundo momento, faremos um estudo introdutório à tradução anotada, que constará de observações e comentários acerca do excerto traduzido à luz das contribuições historiográficas de Monteiro (1994), além das reflexões de Métraux (1979) no campo da antropologia da religião dos antigos povos de língua tupi. Por fim, nossos esforços culminarão numa tradução anotada, cujo objetivo é proporcionar ao leitor um pequeno e vívido vislumbre da convivência entre jesuítas, colonos e indígenas nos anos iniciais do Brasil Colônia. De outra forma, parafraseando Cícero (*Arch.* VI, 14),<sup>4</sup> esses relatos, tão importantes para o enriquecimento de nossa visão acerca da colonização do Brasil, continuariam jazendo nas trevas do oblívio, já que o latim representa uma barreira linguística para muitos.

## A extrapolação do texto pictórico em pintura textual

Para Emilio Springhetti (1954), jesuíta italiano célebre por sua atividade como latinista no século XX, a prosa latina deve ser concebida livre das interferências e dos influxos oriundos da poesia. O latinista italiano, referindo-se a esse influxo poético na prosa, diz-nos o seguinte:

São chamados de vocábulos poéticos aqueles que, como tenham uma certa conformação, uma certa sonoridade, acepção e sentido imaginoso e figurado, são mais aptos para a poesia e, portanto, são quase característicos dos poetas. Essas palavras, entretanto, ainda que “raramente tenham, mesmo na oração, valor”, sobretudo na narrativa de cunho histórico, e, postas no lugar adequado, façam

<sup>3</sup> Quando o mencionarmos, empregaremos o nome francês. Nas referências e citações, empregaremos a forma latina somente.

<sup>4</sup> *Quae jacērent in tenebris omnia, nisi litterarum lūmen accēderet*. Isto é, “todas essas coisas que jazeriam nas trevas, caso não se lhes achegasse o lume das letras”. Ao citarmos obras de autores antigos, buscaremos usar suas formas abreviadas conforme constam em Lewis & Short (1879).

com que o “discurso pareça ser mais glorioso e antigo” (Cic. 3 *De Or.* 38, 153), geralmente devem ser evitadas na prosa (Springhetti, 1954, p. 126; grifos do autor).<sup>5</sup>

Apesar de o autor desencorajar o influxo poético dentro da prosa, é interessante observarmos como há, conforme Springhetti (que se baseia em Cícero), uma certa maleabilidade desse preceito quando a prosa em questão é historiográfica, como é o caso do excerto com que trabalhamos. Nesse sentido, é importante notarmos como, a partir da Renascença, houve uma maior aproximação entre a literatura e as artes plásticas através de comparações entre uma forma de arte e as outras (Scherer, 2017, p. 50). Petrarca, por exemplo, que tinha Cícero como modelo de prosador (Pfeiffer, 1976, p. 10-11),<sup>6</sup> extrapola simbolicamente a comparação horaciana<sup>7</sup> do *ut pictūra poësis* (“a poesia é como a pintura”), que aproxima a pintura da linguagem verbal (Fiorin, 2014, p. 155), em direção a algo como *ut pictūra prōsa* (“a prosa é como a pintura”), ainda que essa extrapolação não seja explicada ou referida de forma explícita. Inúmeros são os exemplos petrarquianos que pintam, palavra a palavra, um quadro em nossa mente. Vejamos um trecho da carta que escreveu a Giovanni dell’Incisa<sup>8</sup> acerca da morte de seu caro amigo e parente Franceschino degli Albizzi (13??-1348). Nela, Petrarca mal-diz a cidade de Savona, onde Franceschino falecera de Peste Negra:

Savona nociva e ímpia, que me envolveste nestas ansiedades! [...] Por isso, que mais poderia eu desejar para ti? Que as colinas, curvadas num arco, se estendam, de modo que, na face de um litoral reto e sem portos, provejas paragem iníqua às naus! Que se arruïnem os muros e as guarnições artificiais que dispuseste contra os ventos e as ondas! Para lá se transportem a força das Sirtes e o fervor de Euripo, para lá a raiva de Cila, para lá o ímpeto de Caríbdis e quaisquer perigos do vasto mar! Que Éolo solte os irmãos inquietos, Austro e os demais, que estão acostumados a saltar sobre tuas fronteiras, para que, estando todo o orbe tranquilo, as procelas te abalem sozinha perpetuamente! Que o que quer de mortes e doenças, através das terras e dos mares, que este ano pestífero tenha derramado conflua para ti sozinha, e que a peste, sendo anual para os outros, seja-te eterna (Petrarca, *Epystole familiares*, VII, 12).<sup>9</sup>

Petrarca pincela com detalhes as imagens da epístola, ilustrando bem a ideia de uma pintura textual, que nada mais é do que um texto (no exemplo dado, em prosa) que abunda numa “linguagem visualista que conduz o leitor para o plano do imaginário, possibilitando-

<sup>5</sup> “Poëtica vocantur vocabula quae, cum conformationem quandam habeant, sonum, colorem sensumque imaginis et figuratum, magis poësi accommodantur ideoque sunt fere poëtarum propria. Haec autem, etsi ‘raro habent etiam in oratione... dignitatem’, praesertim in historica narratione, et suo loco posita ‘grandior atque antiquior oratio saepe videri solet’ (Cic. 3 *De Or.* 38, 153), generatim in soluta oratione vitanda sunt”.

<sup>6</sup> Os ecos de outros prosadores, sobretudo Sêneca e Agostinho, não podem ser subestimados (Witt, 2003).

<sup>7</sup> Cf. *Ars Poëtica*, 361.

<sup>8</sup> Cf. *Epystole familiares*, VII, 12.

<sup>9</sup> “Saona nocens atque impia, que me his anxietatibus involvisti [...]! Pro quo quid aliud optem tibi? Curvati in arcum colles extendantur, ut in faciem directi et importuosi litoris redacta, iniquam prebeas classibus stationem; corruant menia et manufacta presidia, que ventis ac fluctibus obieciisti: huc vis Syrtium et Euripi fervor, huc Scyllea rabies, huc Caribdis impetus et quecunque vasti maris pericula transferantur; laxet Eolus inquietos fratres, Austrum et reliquos, qui tuis finibus insultare sunt soliti, ut toto orbe tranquillo, te unam perpetue quatiant procelle. Quicquid vel mortium vel morborum per omnes terras ac maria pestifer hic annus effudit, in te solam confluat; queque aliis annua, tibi pestis eterna sit”.

-lhe a construção de quadros e cenários” (Cortez, 2009, pág. 361). Essa característica petrarquesca vai ser vista em diversos outros latinistas, que, encorajados por figuras como a de Giovanni Boccaccio, tenderão a ver em Petrarca um grande modelo a ser seguido.<sup>10</sup>

Nesse esteio, convém mencionarmos a figura retórica da écfrase, que constitui parte importante da pintura do texto. Fiorin chama esse dispositivo retórico de hipotipose, caracterizando-o pela “acumulação de detalhes sensíveis expressos por adjetivos e advérbios” que tem a capacidade de “fazer o leitor entrar no universo descrito” (2014, p. 155). O autor ainda menciona subtipos de hipotipose, como a topografia, que é a descrição de cenários, e a etopeia, que pode ser entendida como a descrição da maneira de ser de alguém. Durante as Grandes Navegações, por exemplo, os europeus foram confrontados espiritual e intelectualmente com as novidades de então. Mediante a topografia, os autores descreveram terras habitadas por povos desconhecidos e, através da etopeia, descreveram crenças e línguas alheias, costumes e hábitos diferentes dos seus. Assim, a literatura da época abunda em relatos vívidos das viagens e desventuras vivenciadas em terras longínquas, “onde os valores da civilização eram diferentes” (Cortez, 2009, p. 361).

Ao assumir uma obra de caráter historiográfico, Jouvancy também teve de empregar uma linguagem visualista, buscando prover o leitor com a oportunidade de viajar mentalmente através da pintura com as palavras. O emprego dessa linguagem visualista, entretanto, não era feito descomedidamente. Os abusos eram evitados e a descrição era guardada para quando os fatos relatados precisassem de mais vividez, em certa consonância com o que Springhetti (1954) postula, baseando-se em Cícero. Um exemplo disso pode ser visto no mesmo livro do qual extraímos o excerto principal deste trabalho. Nele, há um relato das dificuldades enfrentadas durante uma expedição que os sacerdotes jesuítas Francisco Pinto (1552-1608) e Luís Figueira (1574/76-1643) empreenderam, tendo em mente a conversão de certos indígenas *maranhenses*.<sup>11</sup>

Assim, [Pinto e Figueira] usam alguns brasílios cristãos como guias para a viagem perigosa, não apenas para que lhes mostrassem o caminho por entre os vastíssimos espaços de uma terra desconhecida e selvagem, árdua de florestas, escarpada de montanhas, coberta de serpentes, entrecortada por rios, mas também para que, indo à frente às ocas de seus semelhantes (como convém mais facilmente entre os homens de um mesmo povo), abrissem caminho para os padres e preparassem as mentes bárbaras. Francisco Pinto, com essa estratégia, já havia afastado de uma vida desumana e incivilizada e conduzido rumo a costumes humanos e lugares civilizados um imenso número de brasílios. Inflamado pela mesma esperança, continua, cheio de entusiasmo, em direção aos [indígenas] maranhenses. O caminho, muitas vezes, teve de ser aberto com o ferro, através de ínvias matas; frequentemente tinham de ser atravessados vaus perigosos e lamacentos de rios.

<sup>10</sup> Os ecos petrarquianos, irradiados por toda Europa, chegaram, por exemplo, a Portugal, onde encontraram terreno fértil em Luís de Camões, autor português célebre pelo épico *Os Lusíadas*, que imitaria Petrarca na forma de compor sonetos, chegando, inclusive, a poetizar e metrificar em sonetos a prosa do autor aretino, compondo aquele que, certamente, é um dos mais famosos poemas em língua portuguesa. O soneto camoniano, conhecido como “Amor é um fogo que arde sem se ver, / é ferida que dói, e não se sente; / é um contentamento descontente, / é dor que desatina sem doer [...]”, transforma em versos decassílabos portugueses a prosa latina de Petrarca, mais especificamente o trecho “est enim amor latens ignis, gratum vulnus, sapidum venenum, dulcis amaritudo, delectabilis morbus, iucundum supplicium, blanda mors” (*De remediis utriusque fortune*, I, 69).

<sup>11</sup> “*maranonius*”.

Raízes arrancadas [da terra], cobras e lagartos aliviavam a fome; poças fedorentas abrandavam a sede (Juvencius, 1710, p. 757).<sup>12</sup>

Quando acumula adjetivos para a descrição dos cenários percorridos pelos sacerdotes e indígenas, Jouvancy emprega a topografia para enriquecer visualmente seu texto, pontilhando sua tela textual com a etopeia, ao descrever, em seu ponto de vista, os vícios e defeitos dos indígenas não catequizados. Além disso, vê-se, no original, uma poeticidade revelada mediante a escolha de palavras e de locuções feita pelo autor. Quando diz, por exemplo, *ferro fuit recludenda [...] via*, Jouvancy emprega a palavra latina *ferrum* (“ferro”) para significar, através de sinédoque, uma ferramenta feita de ferro, como uma espada ou facão, que poderia ser utilizada para abrir caminho por entre a mata densa, num uso poético que também é encontrado, por exemplo, em Ovídio (*Met.* VII, 119). Atentemo-nos, também, à escolha do verbo *reclūdō* (“abrir”), em associação ao substantivo *via* (“caminho”), que parece remeter-nos também a usos ovidianos (*Met.* XIV, 776, 781). Essa conjunção de estratégias por parte do autor resulta num texto de apelo visualista pincelado de forma sóbria e equilibrada, sobretudo nos momentos em que se deseja conferir maior vivacidade aos fatos relatados. Jouvancy pincela verbalmente um vívido quadro de um Brasil distante, pondo-o diante dos olhos do leitor europeu.

## O excerto em contexto: a imposição da fé cristã

O passo que traduzimos e anotamos neste trabalho foi extraído do segundo tomo do quinto volume dos livros que compõem a coletânea intitulada *Historiae Societatis Jesu*, tendo sido publicado em 1710, conforme dissemos alhures. O excerto consta da subseção trigésima oitava, intitulada *Antigos vestígios e mais recentes vitórias da fé cristã entre os brasílios*.<sup>13</sup> Ela está contida na seção décima quinta, cujo título é *A religião propagada pela Companhia entre os brasílios*.<sup>14</sup> Já essa seção, por sua vez, está inserida no capítulo vigésimo terceiro, intitulado *A religião defendida, ilustrada e propagada pela Companhia de Jesus na América, do ano de Cristo 1591 a 1616*.<sup>15</sup> Estruturalmente, o trecho consta de um grande parágrafo único que abarca relatos mais ou menos conectados entre si, sem sinais consistentes de divisão interna. No excerto traduzido, vemos alguns relatos que retratam a vida no Brasil dos primeiros séculos de colonização europeia, sobretudo no contexto da conversão de indígenas ao cristianismo.

<sup>12</sup> Buscamos, nos trechos extraídos de Jouvancy, reproduzir a tipografia presente na cópia do tomo consultado. Assim, lemos: “Brafilos igitur aliquot Christianos itineris periculofī duces adhibent, qui non tantum commonstrarent viam inter vastiſſima ignoti & inculti ſoli ſpatia, ſilvis aſpera, montibus abrupta, ſerpentibus obſita, fluminibus intercifa; verum etiam, qui prægrefſi ad mapalia ſuorum popularium (ut faciliſſus inter ejuſdem gentis homines convenit) ſternerent aditum Patribus, & mentes barbaras præpararent. Ea ratione ingentem Brafilorum numerum Franciſcus Pintus anteà revocaverat ab aggregſti atque immani vita, & ad humanos mores cultaque loca perduxerat. Eadem ſpe accenſus pergit alacer ad Maranonios. Sæpe ferro fuit recludenda per invios ſaltus via; ſæpe tranſmittenda fluminum incerta & limofa vada. Vulſæ radices, colubri, & lacertæ levabant famem; ſitim fetentes lacunæ ſolabantur”.

<sup>13</sup> *Prifca religionis inter Brafilos veſtigia; ejufdem recentes victoriae.*

<sup>14</sup> *Religio inter Braſilos per Societatem propagata.*

<sup>15</sup> *Religio per Societatem Ieſu defenſa, illuſtrata, & propagata in America, ab anno Chriſti MDXCI. ad annum MDCXVI.*

No início do passo, lemos o relato de uma difícil jornada empreendida por dez padres jesuítas rumo a um povo indígena previamente cristianizado que havia voltado aos seus costumes originais, como a crença em pajés, por exemplo, em detrimento da fé cristã outrora imposta. Segundo Monteiro (1994, p. 47-49), esse era um problema recorrente com o qual os jesuítas tinham de lidar no processo de catequização dos indígenas. De acordo com esse mesmo autor, havia três frentes principais através das quais os jesuítas empreendiam suas práticas proseliticas, das quais a primeira era a conversão de chefes locais, a segunda era a doutrinação das crianças e jovens e a terceira era a eliminação do obstáculo imposto pela existência dos pajés e dos caraíbas, que, segundo Métraux (1979, p. 66), gozavam de muito prestígio religioso entre os indígenas de língua tupi.<sup>16</sup> Um exemplo desta última estratégia de enfrentamento aparece no final da primeira parte do excerto. Nela, vemos como um pajé acaba desmoralizado numa espécie de debate com os padres jesuítas, o que culmina na partida dos indígenas da aldeia em questão rumo a Salvador, sob a tutela dos padres.

Em seguida, introduz-se um relato cujo tema principal é o de uma pestilência que assolou Salvador naquela mesma época,<sup>17</sup> abordando também as formas pelas quais os padres da ordem auxiliaram a população local, composta por colonos, clérigos e indígenas. Logo após, mantendo a conexão com o relato da peste, narra sobre um ataque de piratas que devastou a Capitania de Ilhéus. Em seguida, Jouvancy menciona novamente, de forma breve, a ida de padres a locais afastados com o intuito de converterem outros povos indígenas ao cristianismo. Depois dessa breve menção aos esforços missionários jesuítas, o autor narra brevemente acerca de um certo líder indígena local que se converte ao cristianismo após ter caído enfermo e ser bem cuidado pelos padres.

Já no último relato, o autor conta-nos sobre a ida de dois padres jesuítas, João Lobato e Jerônimo Rodrigues, rumo a paragens habitadas por indígenas carijós. Após algum tempo de contato, os jesuítas decidiram conduzir esses indígenas recém-convertidos a aldeamentos vizinhos à cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de que ali continuassem seu processo educacional. Nesses aldeamentos, grupos indígenas oriundos de sociedades distintas eram concentrados com o objetivo de que fossem homogeneizados em termos de religião, cultura e língua. Ao mesmo tempo, os aldeamentos também logravam desarticular a sociedade indígena, desmontando “elementos fundamentais da organização social e cultural de diversos grupos locais, substituindo-os por um modelo radicalmente divergente” (Monteiro, 1994, p. 47). Essa parte do relato de Jouvancy culmina com um ataque, por parte de um poderoso colono escravagista da região, que captura os recém-convertidos. O ataque narrado pelo autor jesuíta no final do relato ilustra a tensão existente entre os colonos e os padres da Companhia de Jesus. De um lado, disputavam pelo controle sobre os indígenas os jesuítas, que tendiam a preferir abordagens fisicamente menos violentas, visando a que os recém-convertidos trabalhassem mediante alguma remuneração,<sup>18</sup> mas que ainda perpetravam etnocídio através

<sup>16</sup> Em tupi, essas palavras significavam coisas ligeiramente distintas. A palavra *paîê* designava algo como feitiçeiro, ou ainda curandeiro, enquanto o vocábulo *karaíba* significava algo como profeta ou santo (cf. Métraux, 1979; Monteiro, 1994; Navarro, 2013).

<sup>17</sup> Dias (2007, p. 56) menciona uma série de ondas epidêmicas que devastaram a Bahia e o Espírito Santo, cujas vítimas foram principalmente indígenas, entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII.

<sup>18</sup> Monteiro (1994, p. 40-41) salienta algumas afirmações de José de Anchieta e, principalmente, de Manuel da Nóbrega, que parecem endossar o trabalho escravo com mão-de-obra indígena como algo aceitável

dos aldeamentos, onde grupos de indivíduos oriundos de sociedades diversas eram homogeneizados à sombra da mundivisão europeia cristã; de outro lado, lutava pela dominação dos indígenas a maior parte dos colonos que, acima de tudo, via na escravização dos povos originários uma forma de obter lucro e de resolver a escassez de mão-de-obra (Monteiro, 1994).

## Sobre a nossa práxis tradutória

No que respeita à nossa práxis tradutória, convém mencionarmos novamente o caráter visualista do excerto, usando como exemplo ao menos um passo que ilustra bem a pincelagem de uma pintura textual em meio à narrativa, conforme podemos ver no excerto a seguir, em que o autor relata uma jornada de padres em busca de um povo a ser convertido:

[...] *empreenderam uma viagem duríssima através de densas matas, de um imenso e estéril mar de campos, ou então por cumes inóspitos de montanhas*. Por muito tempo, proveram-lhes alimento calangos, ou então roedores retirados debaixo de pedras, e, por vezes, rãs capturadas em lamaçais. Mas o cruciato mais grave foi pela sede, sob um céu seco e estuoso (Juvencius, 1710, p. 755, grifos nossos).<sup>19</sup>

Como podemos ver, as descrições topográficas ocupam um espaço importante dentro da pintura textual proposta por Jouvancy, pois pincelam, na mente do leitor, um cenário que serve de ambientação para os fatos narrados. Mais adiante na narrativa, como se vê na tradução completa, já falando sobre um jesuíta que carregava um indígena impossibilitado de andar, Jouvancy pinta uma cena simbólica em que o padre é comparado a Jesus, na figura do Bom Pastor que carrega uma ovelha sobre os ombros, num exemplo de etopeia.

Em nossa tradução, buscamos conduzir o leitor rumo a uma leitura que o aproxime do original, conforme postulado por Schleiermacher (1977, p. 74). Fizemos isso, por exemplo, através da escolha deliberada de palavras e de expressões que podem não soar tão naturais aos ouvidos dos falantes de português, “remetendo o leitor para fora” (Venuti, 2021, p. 70). Como exemplo disso, podemos citar usos como o do substantivo “cruciato”, espelhando o original latino *cruciatu*, em vez de “tortura” ou “martírio”, mais comuns no português moderno. De toda forma, à medida que fomos traduzindo o texto, e também em revisões subsequentes, a nossa estratégia foi posta à prova. Não nos furtamos, por exemplo, a adaptar, quando julgamos necessário, a disposição e a ordem das palavras, para que os longos períodos do original latino não resultassem, em português, num texto de compreensão dificultosa.

Ainda a respeito da escolha de palavras, salientamos que a nossa proposta é “um longo sorteio experimental de omissões e de ênfases” (Borges, 2017, p. 109).<sup>20</sup> Nossos esforços parecem resultar numa *tradução da tradução*, no sentido de que Jouvancy – assim como outros autores que o precederam, ou que lhe eram contemporâneos – teve de traduzir para o imaginário europeu uma incontável quantidade de novidades oriundas da terra de Cunhambebe,

---

em determinados contextos.

<sup>19</sup> “[...] iter alperrimum corripuerunt per denfa nemora, immensum ac sterile camporum æquor, vel montium inhospita cacumina. Cibus diu præbuere stelliones, aut eruti faxis mures, interdum ranæ in lamis deprehensæ. Sed cruciatu à siti gravior, sub æstuoso & sicco coelo”.

<sup>20</sup> “[...] un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis.”

fazendo uso, para tanto, da língua que herdara de Júlio César. Assim, nossa proposta passou por um processo de reivindicação experimental de alguns sentidos que não podem ser completamente verificados. Por exemplo, num determinado trecho do texto, conforme um dos excertos que trouxemos mais acima, vemos que os jesuítas, durante as penuriosas expedições que empreendiam, tiveram de se alimentar de *ftelliones* e *mures*. Para o leitor europeu, familiarizado com o referencial faunístico da Europa, os *stelliōnēs* eram “esteliões” e *mūrēs* tão somente “ratos”. Nós, entretanto, se dispusermos da vivência ou do conhecimento do referencial faunístico brasileiro, poderemos ao menos conjecturar que os animais mencionados por Jouvancy poderiam muito bem ser, na verdade, os nossos conhecidos calangos e preás,<sup>21</sup> respectivamente, que constituíam ou constituem uma fonte tradicional de alimentação para algumas comunidades no Brasil (Cascudo, 1967, p. 196).

## Texto original e tradução com notas<sup>22</sup>

38. Prisca religionis inter Brasília vestigia;  
eiusdem recentes victoriæ.<sup>23</sup>

Alii quidam, prope limum, sive præfecturam  
Omnium Sanctorum, à popularibus suis,  
inter Lusitanos olim versatis, videbantur  
accepisse Christianos ritus, & eorum  
adhuc rudia quædam vestigia retinebant.  
Nam parvulos abluabant illi quidem,  
sed baptisimi forma non utebantur. Viris  
omnibus nomen JESU; feminis, MARIAE  
imponebant. Norant figuram Crucis, mysteria  
Crucis ignorabant: nec deerant sacerdotes,

38. Antigos vestígios e mais recentes vitórias  
da fé cristã entre os brasílios.<sup>24</sup>

Uns outros [indígenas], mais próximos da  
Bahia (também chamada de capitania de  
Todos-os-Santos por seus habitantes), que já  
viveram junto dos portugueses, pareciam ter  
aceitado os ritos cristãos, cujos rudes  
vestígios eles ainda retinham, pois:  
banhavam seus pequeninos,<sup>25</sup> ainda que não  
fizessem uso da forma do batismo; a todos  
os homens impunham o nome de Jesus, e o  
de Maria às mulheres; conheciam a figura da  
Cruz, mas desconheciam os mistérios da  
Cruz; e nem lhes faltavam sacerdotes –

<sup>21</sup> Talvez mesmo pacas ou cutias.

<sup>22</sup> Para o texto original na íntegra, cf. Juvencius, 1710, p. 775-757.

<sup>23</sup> Para o texto original na íntegra, cf. Juvencius, 1710, p. 775-757.

<sup>24</sup> O autor utiliza, conforme visto anteriormente, o neologismo neolatino *Brasilus* para significar o indígena de língua tupi. Nesta tradução, para evitarmos confusões com o gentílico moderno (“brasileiro”), empregamos a forma “brasílio”.

<sup>25</sup> Os tupis banhavam seus bebês no rio logo após o nascimento (Métraux, 1979, p. 84)

iique cœlibes, cum summo quodam Pontifice, quem Maximum Patrem appellabant; eique minores alii sacerdotes obſequiebantur. Ars præcipua ſacerdotum & eruditio erat magice. Obſoleta quædam carmina recitantes concurrabant domos, iisque miſera plebs arbitrabaturexpiari ſe ſe, ac divinam quandam ſanctitatem animis infundi, adeo ut reliquos præ ſe populos deſpiceret. Ad hanc gentem profecti Patres X Kalend. Octobr. anni MDCII. iter aſperrimum corriuperunt per denſa nemora, immenſum ac ſterile camporum æquor, vel montium inhospita cacumina. Cibum diu præbuere ſteliones, aut eruti ſaxis mures, interdum ranæ in lamis deprehensæ. Sed cruciatus à ſiti gravior, ſub æſtuoſo & ſicco cœlo. Vitam tot inter labores ægrè ſervatam quin eriperent barbari, ad quos ibant, parum abfuit. Quippe hominum adventu cognito, eorum carnibus

celibatários – com um certo sumo pontífice, que chamavam de “Padre Maior”,<sup>26</sup> a quem uns sacerdotes menores seguiam. O conhecimento e a principal arte dos sacerdotes era a magia.<sup>27</sup> Corriam às casas enquanto recitavam umas certas canções reles,<sup>28</sup> e por elas o pobre povo acreditava ser purificado e ter infundida nos seus espíritos algum tipo de honra divina, a ponto de chegar a desprezar outros povos diante de si. Dez padres foram ao encontro dessa gente, nas calendas de outubro<sup>29</sup> do ano 1602, empreendendo uma viagem duríssima através de densas matas, de um imenso e estéril mar de campos, ou então por cumes inóspitos de montanhas. Por muito tempo, proveram-lhes alimento calangos,<sup>30</sup> ou então roedores<sup>31</sup> retirados debaixo de pedras, e, por vezes, rãs capturadas em lamaçais. Mas o cruciato mais grave foi pela sede, sob um céu seco e estuoso. Faltou pouco para que os bárbaros, rumo aos quais haviam ido, lhes tirassem a vida tão dificultosamente mantida a salvo. O fato é que, descoberta a chegada dos [nossos] homens, decidiram preparar, com as carnes

<sup>26</sup> Se tomarmos como certa a ideia de que Jouvancy faz uso eclesiástico da palavra *pater*, i.e. no sentido de “padre”, podemos conjecturar que o termo original empregado pelos falantes de tupi antigo era *pa'igûasu* ou *abaregûasu*. Essas palavras, que podem ser traduzidas como “padre-grande”, entre os falantes cristãos do tupi antigo da época, significavam o mesmo que padre provincial, abade ou prelado (Navarro, 2013), e ressoam, pelo sufixo-*gûasu* (“grande”), com o superlativo latino *māximus* (“o maior”, “máximo”).

<sup>27</sup> O original traz o substantivo feminino *magicē* (do grego *μαγική*), num uso que nos remete a Plínio (H. N., XXX, 10, 6).

<sup>28</sup> No original, lemos o termo *obſoletus*, que, além de algo antiquado, também significa uma coisa vil ou de qualidade inferior (cf. Cícero, *Verr.*, II, 5, 44).

<sup>29</sup> Na tradição latina clássica de datação, as “calendas” (do latim *kalendæ*) são o primeiro dia de cada mês. Assim, “calendas de outubro” são o primeiro dia desse mês.

<sup>30</sup> No original, lemos *ſtelliones* (nominativo plural de *ſtellio*). Em latim clássico, *stelliō* designa o estelião (*Laudakia stelliō*), mas também pode significar lagartixas em geral. Assim, há um contraste dessa palavra com *lacerta* (ou *lacertus*), usada para lagartos de maior porte (cf. o verbete *stellio*, em Forcellini, 1940, p. 480). Na fauna brasileira, seria como diferenciarmos os tamanhos de um calango e de um teiú. Marcgrave (1648, p. 237-238), por exemplo, usa *lacertus* para designar o teiú, reservando o diminutivo *lacertulus* para espécies menores, como a americima (*amaresyma*, na grafia moderna do tupi antigo; cf. Navarro, 2013, p. 31), identificada com a espécie *Gymnophthalmus quadrilineatus* por Papavero e Teixeira (2014, p. 273).

<sup>31</sup> No original, vemos *mures* (nominativo plural de *mus*). Em latim clássico, esse vocábulo designava ratos em geral. Traduzimos, portanto, por “roedores”. Marcgrave (1648, p. 223-225) categoriza preás, pacas e cutias, não como *mures*, mas sim como *cuniculi* (isto é, “coelhos”), muito provavelmente porque julgava que esses roedores compartilhavam com os coelhos não somente a carne comestível, mas também certos hábitos e tamanho.

exstruere ferale s menſas decreverant, & armis instructi obviam procurrebant extra pagum. Sed conſpectis, qui Patres comitabantur, Braſilis, tela & vim abſtinuerunt. Feritatem etiam lenivit oratione appoſita ſacerdos, in medium agmen quadraginta juvenum, qui arcu contento velut ad pugnam accincti ſtabant, fidenter progreſſus. De religione ſermonem cum intuliſſet, ſummum ſuum Pontificem arceſſivere. Venit armatorum grege ſtipatus. Occurrit venienti pagus omnis, cantiones quaſdam alternis, barbaro concentu, modulans. Ivere pariter obviam Patres, & abjectum humi, ſublatis in cœlum oculis, diſpanſis manibus, invenere. Aſurgens illos ſalutavit ſatis humaniter, utque cum iſtis colloqui poſtridie poſſet oravit. Nihil poterat noſtris accidere jucundius. Adfuerunt bene mane ad locum colloquio deſtinatum. Orationem ille incipit copioſam de ſuis virtutibus; colere ſe ſilvas, ut profanum vulgus fugeret: ſoli ſibi datum ut quæ ſunt vera diſcerneret à falſis: alia id genus plurima occinit. Horas plures dicendo jam conſumpſerat, cum affecti tædio Patres interpellant, & modeſtè de ſe pauca, de Deo plura, & magnificè, diſſerunt. Senex auditurum ſe aliàs iſtæc libenter profeſſus, diſceſſit,

deles, pratos funestos e, munidos de armas, avançaram para fora da taba ao encontro deles. Mas, depois de verem os brasílios que acompanhavam os padres, detiveram as armas e o ímpeto. Também leniu a ferocidade, através de um discurso feito, um sacerdote que avançara para o meio de uma fileira de quarenta jovens que estavam firmes, retesando arcos, como que estivessem preparados para uma batalha. Quando introduziu uma fala acerca da religião, chamaram seu pontífice. Ele veio escoltado por um grupo de homens armados. A taba inteira correu em direção ao que vinha, modulando certas canções alternadamente, num concerto barbárico. Foram ao encontro dele, igualmente, os padres, e o encontraram prostrado na terra, com os olhos voltados para o céu e as mãos estendidas. Levantando-se, cumprimentou-os de forma suficientemente cortês, e pediu-lhes que conversassem no dia seguinte. Nada melhor poderia ter acontecido aos nossos [padres]. De manhãzinha, compareceram ao local destinado à conversa. Ele, então, começa um discurso copioso acerca de suas virtudes, dizendo ter apreço pelas matas, com o objetivo de se afastar da multidão profana;<sup>32</sup> que somente a si havia sido dado o discernir as coisas que são verdadeiras das falsas, e agoura<sup>33</sup> muitíssimas outras coisas do mesmo tipo. Ele já consumira muitas horas falando, quando os padres, afetados pelo enfado, interpelam-no e, modestamente, falam poucas coisas sobre si e, magnificamente, muitas coisas sobre Deus. O velho, que noutra ocasião proclamara que ouviria sobre esses temas de bom grado, foi-se embora, e

neque tamen unquam ad colloquium est reverſus. At Evangelii præcones nacti alios ad audiendum paratiores, illis perſuaſere ut ſecum Soteropolim contenderent, illic per otium erudiendi facilius. Dederunt ſe omnes in viam, quæ multos inedia, ſiti, æſtu debilitatos in grave periculum adduxit. Sacerdos unus è noſtris conſpicatus Braſilum humi jacentem, viribus fractum, & ab aliis, qui præceſſerant, deſtitutum, allevat, imponit humeris; colligatas ejus manus collo ſuo inferit, pedes cingulo adnectit. Onuſtus pia ſarcina paulum perrexit, addente animos caritate; ſed cum ipſe longa fame exhaustus langueret, ſudore frigido manare cœpit, & onus abjicere coactus eſt. Illud reſumpſit, quiete interpolita recreatus; & baculo incumbens, montem vix ſuperavit. In deſcenſu plus laboris fuit, urgente pondere, virgultis obturbantibus, pungentibus spinis. Unà cum onere procidit, & per aſperum ſaxis clivum ad vallem imam pervolutus eſt. Mirum ambos millies non fuiſſe obtritos. Multa nocte ad reliquos ſalvi pervenerunt. Sic boni Paſtoris exemplum ſecuti Patres perditam ovem imponebant humeris, & ad caulas reducebant, ubi *cibaretur pane vitæ, & aqua ſapientiæ ſalutaris potaretur*. Ita porro diſpertitæ inter ipſos laborum vices erant, ut alii certis in locis conſidèrent; alii huc illuc exſpatiarentur animarum cauſa. In collegio Bahyenſi, ſeu Sancti Servatoris debebant ſex & quinquaginta; in adjunctis oppidis,

não retornou ao colóquio. Mas os pregadores do Evangelho encontraram outros mais preparados para ouvir e persuadiram-nos para que fossem consigo a Salvador, onde deveriam ser mais facilmente educados em razão do ócio. Todos partiram numa viagem que conduziu muitos, debilitados pela fome, pela sede e pelo calor, a um grande perigo. Um sacerdote dentre os nossos, depois de ver um brasílio deitado no chão, aquebrantado e abandonado pelos outros que o haviam precedido, levanta-o, põe-no sobre os ombros, passa por seu pescoço as mãos amarradas dele e ata ao seu cinto as pernas dele. Onusto com o pio fardo, prosseguiu um pouco, com a caridade aumentando o ânimo, mas como ele próprio enlanguescesse exausto pela longa fome, começou a suar frio e foi obrigado a derrubar o peso. Pegou-o novamente, revigorado com um descanso entrepasto; apoiando-se com um cajado, subiu a montanha com dificuldade. Na descida, houve mais sofrimento pelo peso acentuado, por muitas que importunavam e por espinhos pontiagudos. Junto com o fardo, caiu para frente e foi revolido por uma ladeira áspera por conta das pedras até um vale fundo. É espantoso que ambos não tenham sido mil vezes triturados. Tarde da noite, chegaram a salvo aos restantes. Assim, tendo seguido o exemplo do Bom Pastor, os padres punham a ovelha perdida nos ombros e reconduziam-nas ao redil, onde *comeriam do pão da vida e beberiam da água salutar da sabedoria*.<sup>34</sup> Continuando, as alternâncias dos trabalhos haviam sido repartidas entre eles mesmos de tal maneira que uns se instalavam em certos lugares, e outros corriam para cá e para lá por conta das almas.<sup>35</sup> No Colégio Baiano (ou de São Salvador),<sup>36</sup> viviam cinquenta e seis; nas cidadezinhas (ou

<sup>34</sup> O autor parafraseia Eclesiástico 15:3: “Cibabit illum pane vitæ et intellectus et aqua sapientiæ salutaris potabit illum [...]”.

ſeu ſtationibus collegio vicinis, ſeptemdecim. Verſabantur undetriginta in collegio Fluminis Januarii, totidem fere in Pernambucenſi, totidem in circumjectis pagis. Amplam de miſeris mortalibus bene merendi materiam per idem tempus ſuppeditavit Behyenſi collegio ſæva lues, quæ viſis per noctem ſereno cœlo facibus, & diro cometarum fulgore denunciata, brevi ſic urbem totam pervaltavit, ut ſingulæ domus totidem noſocomia viderentur. Non modo animorum ſaluti, ſed etiam incolumitati corporum, à noſtris omni ope proviſum eſt: quidquid in domeſtico penu fuit, totum, rectoris juſſu, quali expoſitum populo, & in egentes collatum. Magna porro, ut in publicis fere calamitatibus uſuvenit, facta paſſim ad pietatem acceſſio, magna edita pœnitentiæ documenta. At Præfecturam Inſularum & Societatis ſedem gravior omni peſtilentia piratarum incurſus expugnavit ac diripuit: templa ſolo æquata, ſacra ſupellex pedibus conculcata, nullum in res ſanctiſſimas genus contumeliæ prætermiſum. Compensavit hanc utcumque cladem nova gens ad Chriſti imperium adjuncta. Penetrarunt ſacerdotes quatuor

paragens) vizinhas ao colégio, dezessete. Moravam vinte e nove no Colégio do Rio de Janeiro, e um número quase igual no de Pernambuco, e outros tantos em povoações do entorno. Por volta daquele mesmo tempo, ao Colégio Baiano uma cruel pestilência forneceu ampla oportunidade de prestar serviços aos mortais miseráveis, a qual, anunciada através da noite por fachos<sup>37</sup> vistos com céu sereno e pelo fulgor funesto de cometas, em pouco tempo devastou a cidade toda, de modo que, uma a uma, as casas parecessem ser hospitais. Proveu-se, por parte dos nossos [padres], toda ajuda, não só à saúde do espírito, mas também à incolumidade dos corpos; o que quer que houvesse na despensa, por ordem do reitor, foi, por inteiro, por assim dizer, exposto ao povo e lançado entre os necessitados. Por toda parte, além disso, houve, como geralmente acontece em calamidades públicas, um estreitamento com a piedade<sup>38</sup> e foram mostrados grandes exemplos de penitência. Mas um ataque de piratas, mais grave do que qualquer pestilência, expugnou e despedaçou a Capitania de Ilhéus e a sede da companhia; os templos foram nivelados com o solo, os supeléciles sacros foram esmagados com os pés,<sup>39</sup> e nem tipo algum de ultraje contra as coisas santíssimas foi esquecido. De toda forma, uma nova gente acrescentada ao império de Cristo compensou essa destruição. Quatro

tunc primum ad Amoapyras, nationem indomitam, & reliquis ut arte jaculandi, sic immanitate præstantem. Sex alii sacerdotes ad ignotos longè populos iter impeditissimum susceperunt, per torridas æstu solitudines & infeltes liti, qua extincti fuissent ad unum omnes, nisi demissa miserante cœlo pluvia facultatem & arcendi præsentis periculi, & aquæ in reliquum iter colligendæ præbuisset. Dynastes fama religionis & sanctitatis permotus, ad Lusitanas descendit urbes, ut oculis ipse usurparet, quæ auribus acceperat, & Christiana instituta pertentaret. Dum in Spiritus Sancti oppido commoratur, incidit in morbum. Ejus curam gerere Patres diligenter. Qua caritate sic ille delinitus est, ut exclamaret non egere parentibus qui Patrum in tutela foret. Confirmata valetudine domum reversus totum se cum suis Christo dedit. Idem sentiebant Carigii, ad quos rursus profecti erant sub finem Septemb. anni MDCV. PP. Joannes Lobatus, & Hieronymus Rodericius, cum duodecim Brasiliæ domi nostræ pridem institutis. Progreffi ad lacum ab Anseribus dictum, ubi populus numerosior, Cruces erexere, struxerunt ædiculam, inter fœdas tempestates ac tonitrua, quæ ab humani generis hoste concitata, ut religionem everteret, apparebat. Quod illi

sacerdotes penetraram [o sertão] rumo aos amoipiras,<sup>40</sup> nação indômita e superior às demais tanto na arte de atirar lanças quanto na crueldade. Outros seis sacerdotes empreenderam viagem difícil para longe, rumo a povos desconhecidos, através de solidões torradas pelo calor e infestadas pela sede,<sup>41</sup> da qual todos teriam morrido, até o último, caso uma chuva precipitada, estando o céu apiedado, não lhes tivesse provido a ocasião de afastar o perigo imediato e de recolher água para o restante da jornada. Um morubixaba<sup>42</sup>, comovido pela fama e pela santidade da religião [cristã], desceu até as cidades portuguesas para ele mesmo, com os olhos, tomar conhecimento daquilo que de ouvido recebera, e para sondar os preceitos cristãos. Estando na cidade do Espírito Santo, caiu enfermo. Os padres cuidaram dele diligentemente. De tal maneira foi amansado pela caridade que bradou não carecer de parentes aquele que estivesse sob a tutela dos padres. Recuperada a saúde, voltou para casa, entregando-se por inteiro, junto dos seus, a Cristo. O mesmo pensavam os carijós,<sup>43</sup> rumo aos quais, de novo, haviam partido, logo antes do fim de setembro do ano 1605, os padres João Lobato e Jerônimo Rodrigues, com doze brasílios previamente instruídos em nossa casa. Progrediram a um lago nomeado a partir de gansos,<sup>44</sup> onde o povo era mais numeroso, ergueram cruces e construíram uma capela em meio a feias tempestades e trovões que aparentavam ter sido incitados pelo inimigo da raça humana<sup>45</sup> para arruinar a religião. O que não se

<sup>40</sup> O original *amoapypira*, cuja grafia moderna, em tupi antigo, é *amoypypira*, indica um “povo indígena que vivia às margens do rio São Francisco” (Navarro, 2013, p. 34).

<sup>41</sup> Trata-se de uma descrição da caatinga durante a seca. Em tupi antigo, *ka'atinga* significa “mata branca” (Navarro, 2013, p. 210).

<sup>42</sup> Traduzimos o termo grego (latinizado) *dynastēs*, que significa alguém que detém um poder sobre um certo território, como *morubixaba*, palavra portuguesa de origem tupi.

<sup>43</sup> No original, temos a palavra *Carigii* (nominativo singular de *Carigius*), que é uma latinização do termo tupi *kariĩó* (isto é, “carijó(s)”), nome pelo qual era conhecida uma nação que habitava principalmente o sudeste e o sul do Brasil.

non licuit, hoc insana unius hominis cupiditas tentavit. Collegerant Patres toto triennio ducentos Carigos; ducebantque plenius erudiendos in vicinos oppido fluminis Januarii pagos, ubi magnam Brasílorum copiam Societas accuratè formabat ad officia Christianæ virtutis. Vidit civis præpotens; occurrit neophytorum inermi turbæ, cum armata militum manu; invadit imparatos ex improviso; comprehendit, abducit in servitutem. Exclamantibus ad nefas indignissimum Patribus minas intentat: pergenteque in urbem, ut iudicium appellarent æquitatem, cogit iter abrumpere; dum infelices victimæ aliæ alio pertrahebantur, crudelibus dominis mancipandæ.

permitiu àquele, a ambição insana de um único homem tentou. Os padres reuniram, num triênio inteiro, duzentos carijós, e os conduziam, a fim de que fossem mais bem educados, aos assentamentos vizinhos à cidade do Rio de Janeiro, onde a Companhia diligentemente formava uma grande quantidade de brasílios para os ofícios da virtude cristã. Um súdito<sup>46</sup> muito poderoso viu [isso], marchou, com mão armada de soldados, contra a multidão inermes de neófitos, atacou-os despreparados de improviso, apoderou-se deles e arrastou-os à escravidão; aos padres que gritam contra o indigníssimo sacrilégio faz ameaças e coage os que progridem em direção à cidade para apelar à justiça dos juizes a interromperem sua viagem, enquanto os infelizes vitimados arrastam-se uns aos outros para serem vendidos a senhores cruéis.

## Referências

BORGES, Jorge Luis (ed.). *Discusión*. Ciudad de México: Debolsillo, 2017.

CAMPBELL, Thomas Joseph. *The Jesuits 1534-1921: a History of the Society of Jesus from Its Foundation to the Present Time*. New York: The Encyclopedia Press, 1921. v. 1. Disponível em: <https://archive.org/details/jesuits15341921h01camp/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 8 ago. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. v. 1.

CODINA, Gabriel. The “Modus Parisiensis”. In: DUMINUCO, Vincent J. (ed.). *The Jesuit Ratio Studiorum: 400th anniversary perspectives*. New York: Fordham University Press, 2000. cap. 2, p. 28-55.

---

<sup>44</sup> Trata-se da Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Apesar de, em latim, a palavra para “pato” ser *anas*, mantivemos o uso de Jouvancy, que emprega *anser* (“ganso”).

<sup>45</sup> *I.e.*, o Diabo.

<sup>46</sup> Apesar de civis mais comumente significar “cidadão”, aqui, esse vocábulo parece significar “súdito” (cf. Cícero, *Rep.* III, 25, 37), em oposição aos indígenas não-civilizados. Jaeger (1968, p. 22) identifica esse indivíduo com o capitão-mor de São Vicente, ainda que não mencione o nome de Gaspar Conquero, governante da capitania de 1607 e 1612.

CORTEZ, Clarice Zamonaro. Literatura e pintura. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 355-368.

DIAS, Marcelo Henrique. A capitania de São Jorge dos Ilhéus: economia e administração. In: DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves (org.). *Um lugar na história: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau*. Ilhéus: Editus, 2007. p. 47-114. Disponível em: [https://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2/um\\_lugar\\_na\\_historia\\_digital.pdf](https://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2/um_lugar_na_historia_digital.pdf). Acesso em: 8 ago. 2025.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FORCELLINI, Aegidius. *Lexicon Totius Latinitatis*. FURLANETTO, Iosephus; CORRADINI, Franciscus; PERIN, Iosephus (ed.). 4. ed. Patavii: Arnaldus Forni, 1965.

JAEGER, Luís Gonzaga. Índios rio-grandenses civilizados pelos antigos jesuítas. In: BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Rio-Grandense: O Rio Grande antigo*. Porto Alegre: Sulina, 1968. v. 1, p. 21-40.

JUVENCIUS, Iosephus. *Historiæ Societatis Jesu: pars quinta*. Romae: Ex Typographia Georgii Plachi, 1710. v. 2.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil: Século XVI - O estabelecimento*. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, 1938. v. 1.

LEWIS, Charlton Thomas.; SHORT, Charles. *Harpers' Latin Dictionary: A New Latin Dictionary Founded on the Translation of Freund's Latin-German Lexicon Edited by E. A. Andrews*. New York: Oxford University Press, 1879.

MARCGRAVE, George; PISO, Willem. *Historia Naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Lugdun. Batavorum/Amstelodami: Franciscus Hackium/Lud. Elzevirium, 1648. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:marcgrave-1648-historia>. Acesso em: 8 ago. 2025.

MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos tupinambás: e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. *Zoonímia tupi nos escritos quinhentistas europeus*. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2014. E-book (329 p.).

PETRARCA, Francesco. *Epistolae de rebus familiaribus et variae: tum quae adhuc tum quae nondum editae, familiarium scilicet libri XXIII. Variarum liber unicus nunc primum integri et ad fidem codicum optimorum vulgati*. FRACASSETTI, Giuseppe (ed.). Florentiae: Typis Felicis Le Monnier, 1859. v. 1. Disponível em: <https://archive.org/details/epistolaederebuoofracgoog/page/n4/mode/2up>. Acesso em: 8 ago. 2025.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship: from 1300 to 1850*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

SCHERER, Telma. UT PICTURA POESIS: ENTRE PALAVRA E IMAGEM. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.5965/24471267322017044. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/10078>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Friedrich Schleiermacher. In: LEFEVERE, Andre (ed.). *Translating Literature: The German Tradition*. Tradução: Andre Lefevere. Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1977. cap. On the Different Methods of Translating, p. 66-89.

SPRINGHETTI, Aemilius. *Institutiones Stili Latini*. Romae: Typis Pontificiae Universitatis Gregoriana, 1954.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

WITT, Ronald Gene. *In the footsteps of the ancients: the origins of humanism from Lovato to Bruni*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001.